

Frederico Pires Affonso

**TRANSGENERIDADE NA MODA: O VESTIR EM JOÃO NERY E LAERTE
COUTINHO**

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao curso de Especialização
em Moda, Cultura de Moda e Arte,
Instituto de Arte e Design, Universidade
Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Ms. Afonso Celso C.
Rodrigues

Juiz de Fora

2012

Frederico Pires Affonso

TRANSGENERIDADE NA MODA: O VESTIR EM JOÃO NERY E LAERTE
COUTINHO

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao curso de Especialização
em Moda, Cultura de Moda e Arte,
Instituto de Arte e Design, Universidade
Federal de Juiz de Fora.

Orientador: Prof. Ms. Afonso Celso C.
Rodrigues

Prof. Ms. Afonso Celso Carvalho Rodrigues

Profa. Rosane Preciosa

Profa. Ângela Brandão

Dedico este trabalho ao Éverthon e família Ferreira Montes, pelo apoio e paciência. Afonso Rodrigues e Selma Flutt que contribuiu com olhares apurados, amizade e carinho. Minha tia, avó e amigos. Sem vocês seria impossível a realização deste trabalho.

“O que nos torna felizes ou infelizes não é que as coisas são objetiva e realmente, mas o que elas são para nós, em nossa concepção.”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão da relação de gêneros com a roupa. Trata-se de um levantamento utilizando a roupa como importante papel social para subjetivas reflexões em relação ao gênero. Teoria queer, Androginia, diferença entre os sexos, corpo, transexualidade e transgêneros foram abordados. Para encerrar, um estudo de caso com dois importantes ícones transgêneros João Nery e Laerte Coutinho, verificando como a roupa se porta e assume papéis em cada personagem.

Palavras-chave: Transgeneridade, Moda, roupa, João W. Nery e Laerte Coutinho

ABSTRACT

This work aims to reflect the relationship of gender with clothing. This is a survey using clothes as an important social role for subjective reflections in relation to gender. Queer theory, Androgyny, gender differences, body, transsexual and transgender were addressed. To end, a case study with two important icons and transgender John Nery and Laerte Coutinho, checking how clothing behaves and assume roles for each character.

Keywords: transgenderism, Fashion, clothing, John W. Nery and Laerte Coutinho

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotos das irmãs siamesas de Andrea Giacobbe.....	12
Estatuetas de deuses simérios.....	14
Fotografia de Hana Pesut.....	17
Filme “Tomboy”.....	18
João com 1 ano.....	23
João com irmão e Suzi.....	24
João em 1968.....	25
João em 1977.....	27
João em 1964 e 1977.....	29
João em 1996.....	30
Lançamento “Viagem Solitária”.....	31
Laerte com os filhos.....	32
Laerte: antes e depois.....	34
Laerte e o espelho.....	35
Personagem Hugo/Muriel.....	36
Muriel.....	37
João Nery e Laerte Coutinho.....	39

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	09
2 - TRANSEXUALISMO	11
3 – ANDROGINIA ANÍMICA E DIFERENÇA DOS SEXOS ATRAVÉS DOS TRAJES	12
4 – TRANSEXUALISMO É LIBERDADE: A ROUPA COMO SEGUNDA PELE	15
4.1 – CORPO E MODA: TRANSFORMAÇÕES.....	19
5 – QUEER E A MODA: GÊNERO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE	20
5.1 – GÊNERO E MODA	21
6 – JOÃO W. NERY E A ROUPA: EM BUSCA DA COERÊNCIA	23
7 – LAERTE COUTINHO: A ROUPA COMO SIMBOLISMO	32
8 - CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA	41

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão relacionando a roupa com os gêneros, observando o trânsito entre eles e o papel social que ela cumpre. Os transgêneros, transexuais e travestis permitem observar o papel que a roupa assume perante o indivíduo que exterioriza e forma parte destes grupos sociais.

Uma breve definição no capítulo 2 sobre transexualidade nos dá uma abertura relevando suas origens, após as experiências da cirurgia da troca de sexo na década de 1950. Mostra como as experiências e a designação do médico Harry Benjamin ao definir a transexualidade como distúrbio de identidade sexual, estabeleceu discussões não só na Medicina, mas em outras áreas como a Moda e como foi impactante na sociedade.

Aborda-se a Androginia, para compreensão dos aspectos do gênero masculino e feminino e no mesmo capítulo fala-se da diferença dos sexos através da vestimenta, basando-se no arquiteto e artista Flávio de Carvalho, estudioso no assunto Moda. Ele relata como a roupa durante a História, aproximou e distanciou os gêneros masculino e feminino.

Em relação ao corpo buscamos observar como a roupa antecede qualquer modificação corporal e como ela nos remete ao exercício de liberdade individual. Com base nas citações de Foucault e Simmel entendemos a relação da liberdade interna exposta através da roupa.

Com a fusão de gêneros na Moda após a década de 1960 o vestuário torna-se unissex permitindo uma liberdade e dando ao indivíduo transgênero a construção de uma segunda pele. Ou seja, a roupa adianta o perfil de aparência contrário ao sexo genital e também a adesão a prática do travestismo mostrando para a sociedade uma exteriorização advinda de condições de identidade sexual. Mostra-se como os transexuais buscam na roupa a liberdade e o bem-estar, por estarem aprisionados num corpo que diverge com a identidade psíquica. As fotografias de Hana Pesut e o filme francês “Tomboy” são exemplos dessas funções que a roupa vai estabelecer no convívio social.

Busca-se o corpo como sustentação significativa para o indivíduo, exercendo um controle sobre ele através da roupa. As formulações de como as pessoas

transformam seu corpo e constroem sua identidade, baseando-se nos estudos de Cristiane Mesquita.

A teoria queer e seu estimulador, o filósofo Michel Foucault não poderiam deixar de serem citados, pois estabelece estudos de gênero, sexo e identidade e como este universo conversa com a roupa. Assim, entramos na relação gênero e Moda e compreende-se a diversidade de identidades possíveis.

E, por fim, João Nery o primeiro transhomem do Brasil como um dos personagens para o estudo de caso. Ao longo da abordagem encontramos fotografias mostrando o acompanhamento da roupa e do corpo em constante transformação, citando casos em que João usa a Moda como aliada após a década de 1960.

Laerte Coutinho outro caso da prática da travestividade utilizando a roupa como objetivo de argumentos simbólicos que pairam na subjetividade em relação ao gênero. Como ele faz um prospecção em relação a Hugo/Muriel personagem criado por ele para abordar questões de gênero e daí analisa-se o vestir como forma de comunicação e discussões, a roupa fala à sociedade.

Este trabalho tem por objetivo analisar como a roupa produz discursos em assuntos do contemporâneo como a questão de gêneros, como entender através dela a liberdade e individualidade a identidade sexual e psíquica de cada indivíduo e como ela pode transitar pelos gêneros, quebrando paradigmas estabelecidos pela sociedade, criando e possibilitando variadas formas de expressividades e significações. A importância do vestuário como auxílio nas transformações do corpo e da aparência, tornando assim o indivíduo mas seguro em sua essência.

2 – TRANSEXUALISMO

Após as experiências da cirurgia da troca de sexo, em meados do século XX, mas precisamente na década de 50, surgiu a concepção de “transexualismo”. Designado como distúrbio relacionado à identidade sexual, o nome “transexualismo” foi enunciado pelo médico Harry Benjamin, como:

“...um distúrbio relativo à identidade sexual, a partir de casos de pacientes submetidos a tratamentos hormonais e cirúrgicos que visavam à transformação da aparência sexual, com base em uma convicção inabalável de pertencer a outro sexo.” (RINALD e BITTENCOURT, p. 1, sem data)

A novidade estabeleceu discussões não só na Medicina, mas na Religião, na Cultura e no Direito, analisando assim as conseqüências na sociedade.

“Enquanto alguns celebram a possibilidade de mudança de sexo criada pela ciência como uma vitória da liberdade individual que se segue à emancipação feminina e ao reconhecimento social da homossexualidade outros vêem nisso um dos efeitos do projeto de universalização introduzido pelo desenvolvimento técnico-científico, que denega as diferenças através da aspiração de uma posição unissex generalizada ou da ilusão de criação de um terceiro sexo que viesse solucionar o enigma da sexualidade.” (RINALD e BITTENCOURT, p. 2, sem data)

Transexualismo refere-se a uma condição de uma pessoa que desempenha uma identidade de gênero distinta a do seu nascimento. Atualmente homens e mulheres transexuais sentem desconforto na condição do sexo anatômico e almejam fazer a transição do seu sexo de nascimento para o oposto, o que chamam de “sexo-alvo”.

3- ANDROGINIA ANÍMICA E DIFERENÇA DOS SEXOS ATRAVÉS DOS TRAJES

“Gênero é uma construção social que faz parte da cultura e não da biologia. As possibilidades são inúmeras. Que tipo de futuro aguarda o ser humano em relação a esses costumes? Vamos continuar chamando determinadas coisas femininas e masculinas?”(COUTINHO, Laerte. Itaú Cultural. Disponível em: <<http://novo.itaucultural.org.br/materialcontinium/me-trate-com-respeito/>> Acesso em 19 de novembro de 2012).



Ilustração 1 – Fotos das irmãs siamesas de Andrea Giacobbe que ressalta dicotomias contemporâneas(HOLZMEISTER, p. 24, 2010)

June Singer diz que sexualidade humana é natural, parte da concepção de masculino e feminino como algo não questionado com segurança e conclui “A androginia é uma obra contra a natureza, ou assim o parece.”(SINGER, p. 25, 1976)

A discussão da Androginia é importante para a compreensão da transexualidade, devido sua unicidade ou integridade, que antecede qualquer divisão. “A androginia refere-se a uma maneira específica de juntar os aspectos “masculinos” e “femininos” de um único ser humano. (SINGER, p. 28, 1976)

A Antropologia foi a responsável pelos estudos do gênero, através da análise da organização da sociedade e da vida social de seus indivíduos. Foi considerada pioneira devido aos estudos do parentesco e suas relações sociais, entre natureza e cultura, da polarização do masculino e feminino. A Antropologia fez nascer um novo ramo que veio a ser debatido e questionado no final da década de 80, reflexo do movimento feminista.

Flávio de Carvalho relata as diferenças dos sexos e diz que a distinção entre ambos existem devido as conseqüências do trabalho ao longo da história. Segundo ele, em determinado momento da sociedade primitiva homens e mulheres exerciam atividades iguais, tinham os mesmos trajes e aparências, o qual ele denomina de “Idade Púbere” da História.

“Em certo ponto da sociedade primitiva homem e mulher se equivalem no trabalho, exercem as mesmas atividades, são iguais em tamanho e igualmente fortes e portanto usam os mesmo trajes, e quando isto acontece estamos em presença de uma idade Púbere da História.” (DE CARVALHO, p. 209, 2010)

Na “Idade Púbere” não existe distinção entre o homem e a mulher quanto às vestimentas. Na Grécia Antiga na transição da infância para a adolescência, em que se desenvolvem os caracteres sexuais secundários, dando início as funções reprodutivas é que se diferencia significamente o masculino do feminino. Mas, os

trajes, os cabelos e outros ornamentos confundiam na diferenciação. Assim, como no Egito Antigo de 1300 antes de Cristo, o ornamento da cabeça era igual para ambos tanto quanto a túnica. Túnicas e chapéus eram parecidos no século XIII e no século XV masculino e feminino tornam-se quase que únicos através de suas vestes.

Segundo Carvalho, a formação das “Idades Púberes” da humanidade no decorrer da História, é um processo de Feminismo e produto da separação do trabalho do homem e da mulher.

A roupa é essencial para compreensão e observação dos fatos, pois tendo os mesmos trajes indica que os trabalhos exercidos tanto por homens quanto por mulheres tendem a ser iguais, porque segundo o autor, as mudanças da Moda tem suas origens no trabalho. “A divisão do trabalho nas sociedades afasta um sexo do outro.”(DE CARVALHO, p.211, 2010)



Ilustração 2 – Estatuetas de Deuses Sumérios. Sumerianos exerciam igualdade comunista. Homem e mulher usavam o mesmo traje.

4 – TRANSEXUALISMO É LIBERDADE: A ROUPA COMO SEGUNDA PELE.

Na sociedade contemporânea, ser homem ou mulher, traz uma análise da desigualdade de condições que o grupo social aceita. As crianças nascem no sexo masculino ou feminino, e são educadas segundo aquilo que a sociedade impõe o que é próprio para meninos e meninas. Os estereótipos prontos para cada sexo são moldados pela sociedade.

O transexualismo é parte desse trânsito de gêneros, assim como o travestismo a antecipação do mesmo. Travestir o corpo buscando sua identidade interna(sexo-alvo) é a forma de se inserir através da exterioridade onde a roupa funciona como segunda pele moldando o corpo.

“...los individuos se vieron llevados a prestarse atención a ellos mismos, a descubrirse, a reconocerse y a declararse como sujetos de deseo, haciendo jugar entre unos y otros una determinada relación que les permite descubrir em el deseo La verdad de su ser, sea natural o caído.” (FOUCAULT, p.11, 2011)

A roupa antecede qualquer modificação corporal, ela adianta o processo de transformação profunda, afim de construir e ao mesmo tempo desconstruir o gênero.

“A moda é também uma das formas pelas quais os seres humanos, ao abandonarem a exterioridade à escravidão coletiva, procuram salvar da melhor maneira a liberdade interna.” (SIMMEL, p. 180, 2008)

A roupa nos remete hoje ao exercício de liberdade individual. A Moda interfere na transformação do corpo e também da aparência.

“O âmbito da vestimenta, a moda reafirma a liberdade do homem de criar a própria pele, não a primeira, dada biologicamente, mas a segunda, gerada por sua imaginação e fantasia e tornada real por sua engenhosidade técnica.” (apud MESQUITA, p.66, 2010)

A relação corpo e Moda resume em saber ocultar e difundir seu corpo para si mesmo. A subjetividade na Contemporaneidade encontra no corpo um lugar onde ela possa ser concretizada. A percepção do corpo é importante devido à pluralidade ou complexidade de desvendar as diversas formas em que o corpo se insere. Sendo assim, o sujeito observa a si mesmo, e com a ajuda da roupa com os avanços científicos que trazem novas descobertas, torna ele, o sujeito, agente que exerce influência sobre seu próprio corpo construindo junto com o auxílio da Moda a aparência e o ser que tanto buscam.

Um trecho do poema “As contradições do corpo” de Carlos Drummond de Andrade desvenda a abrangência da relação corpo e Moda: “Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser. Sabe a arte de esconder-me e é da tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta.” (apud MESQUITA, p.59, 2010)

A roupa é o primeiro passo que o transexual vai aderir para até então adiantar as modificações corporais profundas, neste caso o processo de tratamento até conseguir se instalar no corpo desejado e este junto com a roupa revelar exterioridade. Tal processo se dá até encontrar o diagnóstico que o torna apto para a cirurgia de troca de sexo atingindo assim o sexo-alvo. Durante o processo do tratamento, no que diz respeito à saúde do indivíduo, passa por transformações que vai da Psicanálise, medicamentos até as inúmeras cirurgias, o procedimento não é tão simples quanto parece, este assunto será tratado mais adiante.

Mesquita traz uma reflexão sobre o corpo e a roupa: “Procurar refletir sobre ele é essencial para se pensar os mecanismos de funcionamento da Moda.” (MESQUITA, p.61, 2010)



Ilustração 3 – Fotografias de Hana Pesut. Inversão da roupa nos gêneros. Discussões e valores contemporâneos que ditam tendência.

O filme francês *Tomboy* lançado em 2011, conta a história de Laure uma garota de 10 anos que se veste com roupas masculinas e tem o cabelo curto, de mudança para uma nova casa com a família, Laure conhece Lisa que a confunde com um menino e ambos se apaixonam. Desde então, ela passa a assumir uma nova identidade, Mickael, sem que sua família saiba. Um dos exemplos de como a roupa torna-se principiante no processo de construção da busca pela liberdade do seu interior em relação com sua aparência e sua essência. O filme representa a fase que a grande maioria dos transexuais vivenciam seus dramas e descobertas.

Estrangeiros do próprio corpo, os transexuais vivem sentimentos de angústias. Os relatos resumem-se em uma aflição deste aprisionamento num corpo que não se adequam à identidade psíquica e necessitam alcançar a liberdade e o bem estar por meio da roupa e das transformações físicas. Assim afirma Mirian Goldenberg:

“...que fazem do corpo produto de suas técnicas e representações com propósitos muito próximos do distanciamento do tédio ou da dor, num movimento que configura bem a ininterrupta busca dos indivíduos por uma existência (mais) feliz.” (GOLDENBERG, p. 27, 2010)

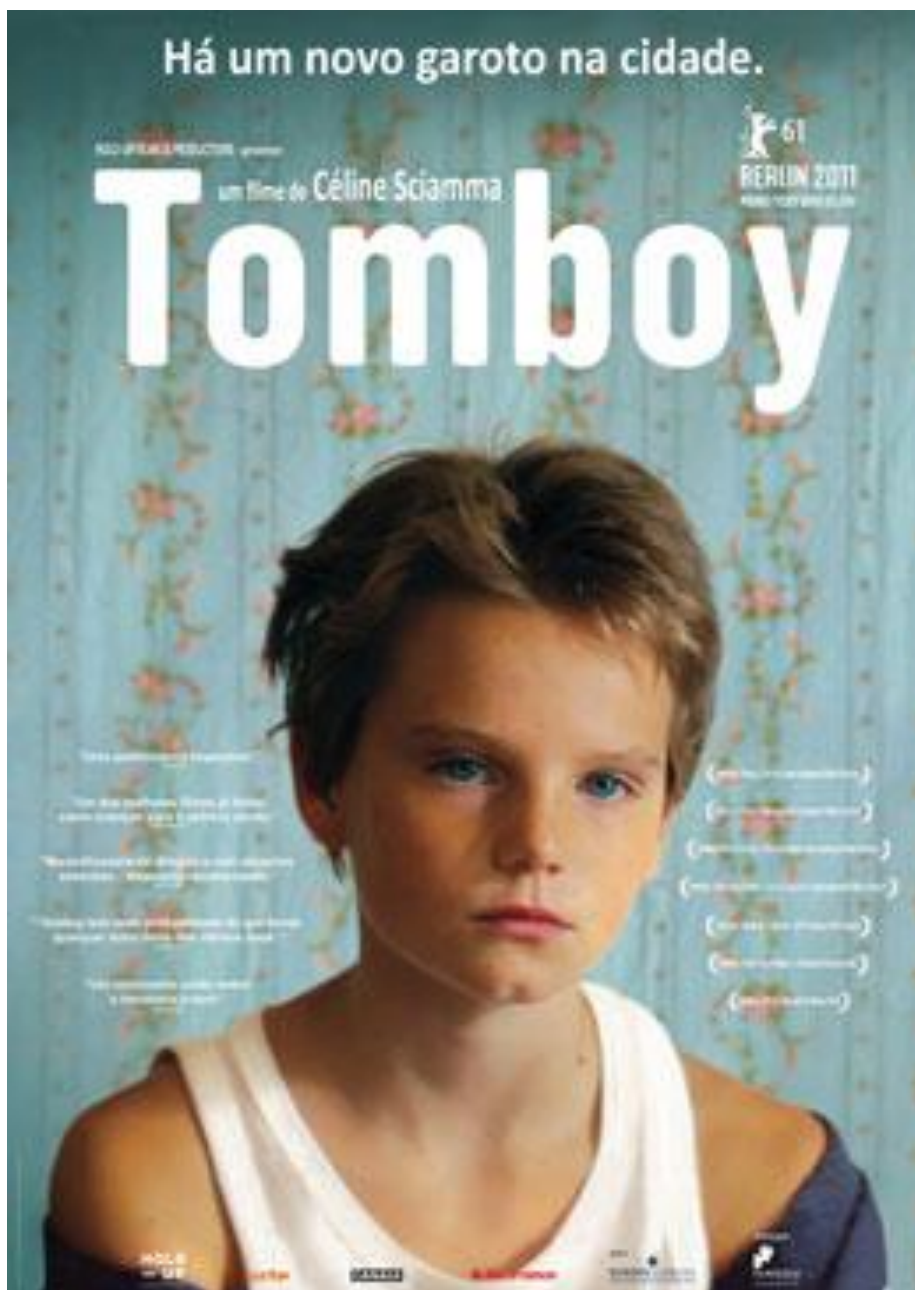


Ilustração 4 – O filme “Tomboy” dirigido por Celine Sciamma.

4.1 – CORPO E MODA: TRANSFORMAÇÕES

“Roupas são mais acessíveis do que um carro personalizado, mais visíveis do que a decoração da casa e podem ser trocadas com mais frequências do que o modelo do telefone celular”(MESQUITA, p. 64, 2010)

O corpo torna-se sustentação significativa do poder do indivíduo sobre seu próprio corpo e a si mesmo exercendo um controle sobre seu destino, sua identidade, quando ele caracteriza-se através da roupa sua transformação física(MESQUITA, p.64, 2010)

“E nem só de transexualidade, aumento de seios e cirurgias plásticas, faz-se o “mundo de possíveis” das transformações. Atualmente – e lembre-se que esse caminho ocorre desde os anos 1960 com a ascensão do prêt-à-porter – a roupa e a Moda são alguns dos principais recursos de interferência e transformação do corpo.” (MESQUITA, p. 65, 2010)

Ou seja, a Moda fornece acessibilidade, e tem sua efemeridade. É evidente sua aptidão em relação ao corpo, pois contribui com as ramificações exploradas por ela mesma na contemporaneidade.

“O modo como as pessoas se apresentam é esteticamente formulado e daí essa relação com a Moda, que é o nome que a gente dá na sociedade para a maneira como as pessoas transformam seu corpo, constroem a sua identidade, através da materialidade do próprio corpo.”(MESQUITA, p. 66, 2010)

Algumas situações do cotidiano como a sobrecarga de trabalho, a excitante busca pela transformação da aparência, o medo de envelhecer valorizando o rejuvenescimento, a incansável busca pelos modelos de perfeição, “seja eles estéticos ou funcionais” (MESQUITA, p. 66, 2010) tomam tempo do indivíduo que esquece de observar seu próprio corpo, o corpo sensível, vivaz, e não como um simples objeto mercadológico para a Medicina, a indústria do comércio e a Moda.

Na atualidade, o corpo vive como “estrela” do momento, são diversas mutações e interferências do ser humano com seu corpo, pois elementos como velocidade, espaço, tempo, trabalho e saúde faz do corpo objeto de múltiplas interações. “Não só na Moda, mas também nas Artes Plásticas, na Fotografia, na Ciência, na Tecnologia.” (MESQUITA, p.62, 2010) “O corpo é quase só um fundo em branco e preto em cima do qual vão se esculpir, vão se pintar as diferentes figuras da subjetividade (*apud* MESQUITA, p. 62, 2010)

5 – QUEER E A MODA: GÊNERO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE

““Queer” pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o “normal” ou normatizador. A teoria queer não é um quadro de referência singular, conceitual ou sistemático, mas sim uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual.” (SPARGO, p. 8, 2006)

O filósofo e historiador Michel Foucault, foi o estimulador da teoria queer devido a sua análise interrelacionando o saber, poder e sexualidade. Dentre as interrelações críticas a teoria apresenta uma visão heterodoxa numa diversidade de assuntos que giram em torno de Foucault. Assim define SPARGO sobre esta escola de pensamento:

“... leituras da representação do desejo pelo mesmo sexo em textos literários, filmes, música e imagens; análise das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas

do sistema sexo-gênero; estudos de identificação transexual e transgênero, de sadomasoquismo e desejos transgressivos.” (SPARGO, p. 9, 2006)

Foucault pode ser estimulador e provocador da teoria queer, que gera novas idéias para assuntos contemporâneos. Neste trabalho direcionado para o gênero, transexualidade e transgeneridade torna-se relevante para uma percepção de um “universo” que conversa com a roupa, e esta transita atravessando tais práticas e movimentos ressurgindo como objeto de grande importância nas relações de gênero.

A teoria queer está em confronto com a normalidade, a norma, seja ela a identidade homossexual ou a heterossexualidade dominante.

5.1 – GÊNERO E MODA

“Da mesma maneira que o gênero parece ser um componente fundador da minha identidade minhas preferências sexuais e desejos parecem cruciais para a percepção de quem sou eu.” (SPARGO, p. 47, 2006)

A contemporaneidade oferece uma diversidade de identidades possíveis que faz pensar a respeito da sexualidade do indivíduo. Não vem ao caso “rotular” o ser em decorrência de sua preferência sexual, mas de como a roupa pode auxiliar na busca de seus desejos na ligação da sua exterioridade com seu interior criando uma ligação “harmônica” proporcionando a libertação daquilo que se é em sua essência. Goldenberg cita o cantor Ney Matogrosso como um dos exemplos para estudos de gênero.

“Ney inventou uma forma de ser no mundo, quebrando todas as convenções que tolham seu corpo, a sua sexualidade, a sua arte. Não pode ser classificado em nenhum rótulo, é inclassificável, com toda a carga de liberdade que existe nessa idéia.” (MESQUITA E CASTILHO, p. 70, 2011)

Alguns indivíduos não se subestimam para que outros os tornam invisíveis como no caso de Ney. Ressaltando a importância da década de 1960 citado por Mesquita no subcapítulo 3.1, Ney vem de uma geração que “reinventou a sexualidade, o corpo, as novas formas de conjugalidade, casamento e família.” (MESQUITA, p. 70, 2011)

A busca pela liberdade sexual e do prazer, a quebra de paradigmas e rejeição às normas vigentes e a interseção pela igualdade de gêneros são frutos desta geração. E a Moda cumpriu seu papel contribuindo e refletindo na sociedade uma relevante transformação a começar pela androginia, o trânsito de gêneros que proporcionou com a ascensão do prêt-à-porter.

As atividades, protestos, mutações, costumes, crenças e tradições, tudo o que caracteriza uma cultura também se refere ao corpo e a Moda.

“E a migração entre o que era dentro e fora do corpo promoveu também outra migração: o que antes se referia somente ao campo da saúde passou a abastecer os campos jurídico, político e social.” (MESQUITA E CASTILHO, p. 19, 2011)

Nesta migração a Moda estabelece o seu lugar como importante contribuinte social, aderindo e construindo interfaces com outras áreas do saber, como os transexuais e transgêneros.

6 – JOÃO W. NERY E A ROUPA: EM BUSCA DA COERÊNCIA

“A vestimenta é a mais complexa e difícil das artes porque, calcada como é na estrutura do corpo humano e na sua qualidade de acessório e cúmplice de toda a expressão do homem, requer um amplo conhecimento do ser humano e de sua individualidade.” (apud LEITE, p.22, 2002)

João W. Nery sempre via no espelho perante sua imagem, o reflexo de um menino. Nasceu Joana: “João não nasceu mulher e quis virar homem. Nada disso. João nasceu homem mas preso no corpo de mulher” (NERY, p.13, 2011) assim definiu Millos Kaiser da revista TRIP.



Ilustração 5 – João com 1 ano de idade.

A transidentidade se faz importante, pois além de anbranger uma variedade de opções de adoção fixa ou temporária do comportamento em contradição com o sexo de nascimento, permite que o indivíduo se reinventa para achar seu lugar no mundo, tão cheio de categorias. No caso de João fala-se de transexualidade, mas até chegar a mudança de sexo, a roupa transita, permitindo ao travestismo antecipar e apropriar de um corpo ainda não resolvido.

“Transformei-me literalmente num marginal, pois vivia à parte, à margem. Não pertencia nem ao grupo minoritário e discriminado. Não me sentia mulher nem homossexual. Ainda desconhecia todas as categorias “invetadas” em meados do século XX. Sabia que não era aprovado pela maioria. Em que grupo existente me enquadrava?” (NERY, p. 45, 2011)



Ilustração 6 – João a esquerda. Com a amiga Suzi e o irmão de chapéu.

Na adolescência João desconhecia o conceito de transexualismo, até porque ainda não existia. Via e sentia-se como homem, não se enquadrava em categoria alguma. Nesta época ainda relata sobre sua roupa:

“Embora não sentisse mais medo de que me descobrissem, porque a vestimenta atual estava toda a favor e coerente com meu corpo, continuava me sentindo esquisito naqueles trajés.” (NERY, p.55, 2011)



Ilustração 7 – Em 1968, aos 18anos.

A percepção e ligação corpo e mente, já esclarecia que a roupa era um incômodo, o interior não conversava com sua exterioridade, o psíquico não abraçava seu corpo, nem sua roupa.

“A veste, essa composição de tecidos, tramas costuradas, sobrepostas, combinadas nas mais variadas formas, cores e texturas, mantém uma relação interna e visceral com o sujeito homem: quando usada incorpora-se a ele, dialeticamente, moldando sua personalidade e por ela sendo moldada, constituindo-se um processo de singularização.” (LEITE, p. 23, 2002)

Em um só tempo, a roupa é sujeito e objeto. Acessórios e adornos que constituem o traje compõe o sujeito, e como objeto a acepção do ato de vestir.

A importância da década de 1960 para a Moda permitiu que João vestisse roupas unissex, dando ambiguidade à sua aparência.

“Estávamos entrando na década de 70. A Moda agora permitia a maneira unissex de se vestir, o que foi um grande alívio. Pouco a pouco fui tornando minha figura mais ambígua, embora isso ainda incomodasse muita gente.” (NERY, p. 71, 2011)

A partir deste momento começa o processo de travestimento, onde a roupa vai auxiliar na afirmação do seu próprio ser e de sua existência para o convívio social e satisfação pessoal. Não que a roupa foi seu objetivo final, mas o ponto de partida para sua autoafirmação essencial.



Ilustração 8 – Em 1977: logo após a cirurgia, com a amiga Martha Reis.

Mercedes uma das mulheres com quem viveu, o presenteou em seu aniversário com uma camisa Pierre Cardin, assim ele descreve:

“No meu aniversário, Mercedes me presenteou com uma camisa social preta Pierre Cardin sem bolsos e com abotoaduras. Vibrei de contentamento. Fiquei pensando num jeito de estreá-la sem me comprometer. Finalmente comprei uma faixa de gaze larga, daquela que se usa para entorse, e enrolei meu tórax... Hoje existe bandages e “corpetes” prontos para esse fim.” (NERY, p. 81, 2011)

A roupa em suas diversas formas de apresentação, quando colocada sobre o corpo, modela-se a ele, aderindo assim à sua forma. Na transidentidade existem os indivíduos que aderem a roupa como forma de se apresentar e expor o seu gênero através do ato de vestir. João foi além, não bastava apenas vestir, sabe-se da importância da Moda neste contexto, porém seu desejo era a modificação corporal, o objetivo de encontrar no seu corpo, a sua identidade.

“Por mais que tentasse ignorá-los, meus seios estavam basicamente presentes em três situações: no acesso social, por não poder vestir roupas justas a não ser que usasse faixas; quando deitava de lado, pois na cama de barriga para cima, ainda ficavam achatados, mas de lado eram-me insuportáveis.” (NERY, p. 92, 2011)

O sexo-alvo era o gênero masculino, em contradição com seu corpo genital. Para adequar-se ao gênero, a roupa fez com que ocorresse a necessidade de mudanças em seu comportamento.

“Sair em público significava entrar em prontidão. Precisava prestar atenção o tempo todo à minha figura em relação aos outros. Ficava exausto com a preocupação contínua de manter a voz grossa, os gestos contidos para não

perceberem os seios nem a falta do pênis.” (NERY, p. 81, 2011)

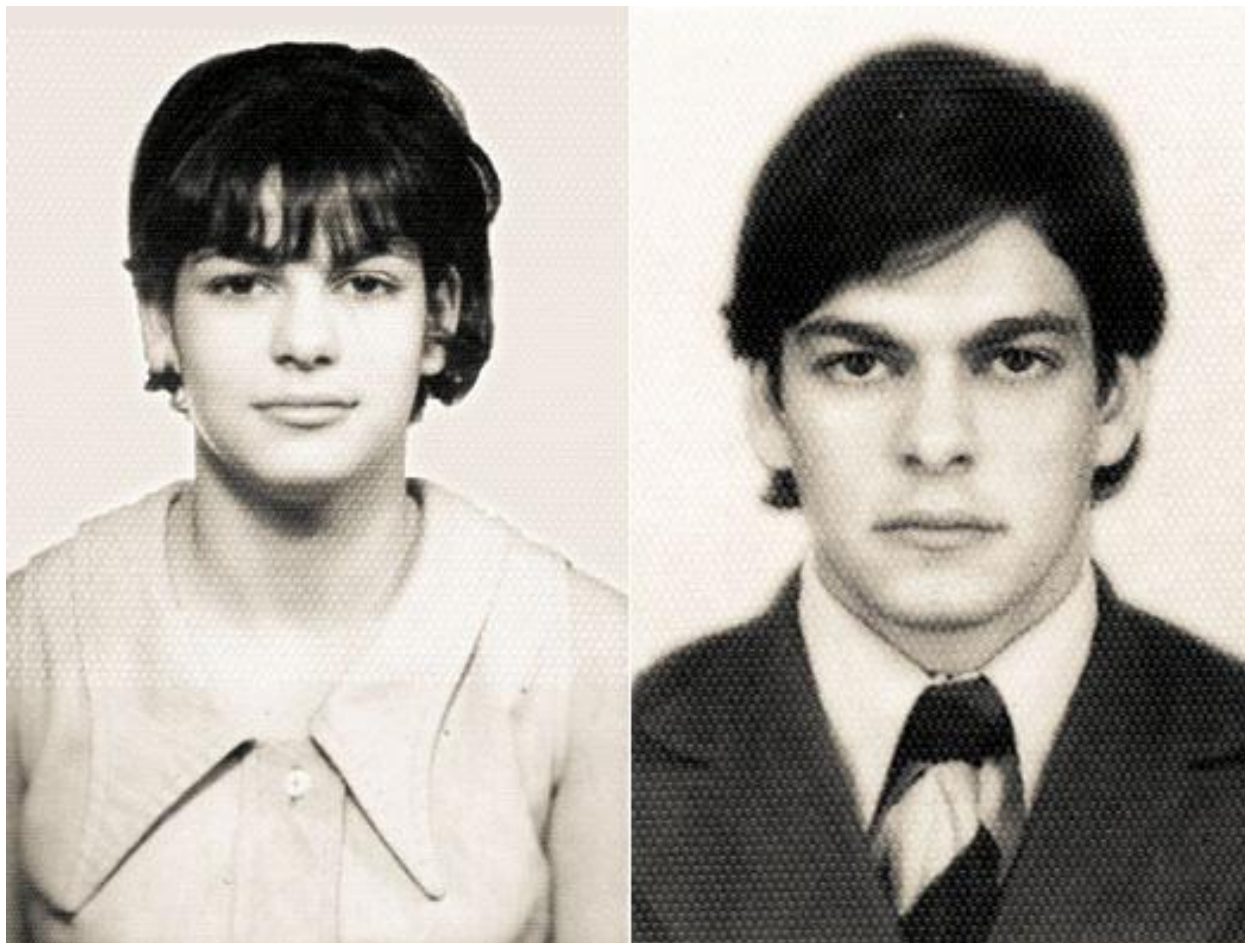


Ilustração 9 – 1964: 14 anos e 1977: logo após a cirurgia, aos 27 anos

Na família, João também passava constrangimentos com as crianças. Certa vez, uma de suas sobrinhas perguntou se era homem ou mulher. João ainda não havia feito a cirurgia, portanto definiu-se como do sexo genital, o que deixou sua sobrinha confusa. “Disse que você não usava saia e não tinha unha nem cabelo comprido.” (NERY, p. 155, 2011) Percebe-se que a roupa e a aparência são estereótipos criados e definidos pela sociedade o que atualmente vem passando por um processo lento de mutação, devido às conquistas pelos direitos dos transidentidades, a luta pela desconstrução de gêneros e por intermédio do espaço cedido pelos meios midiáticos.

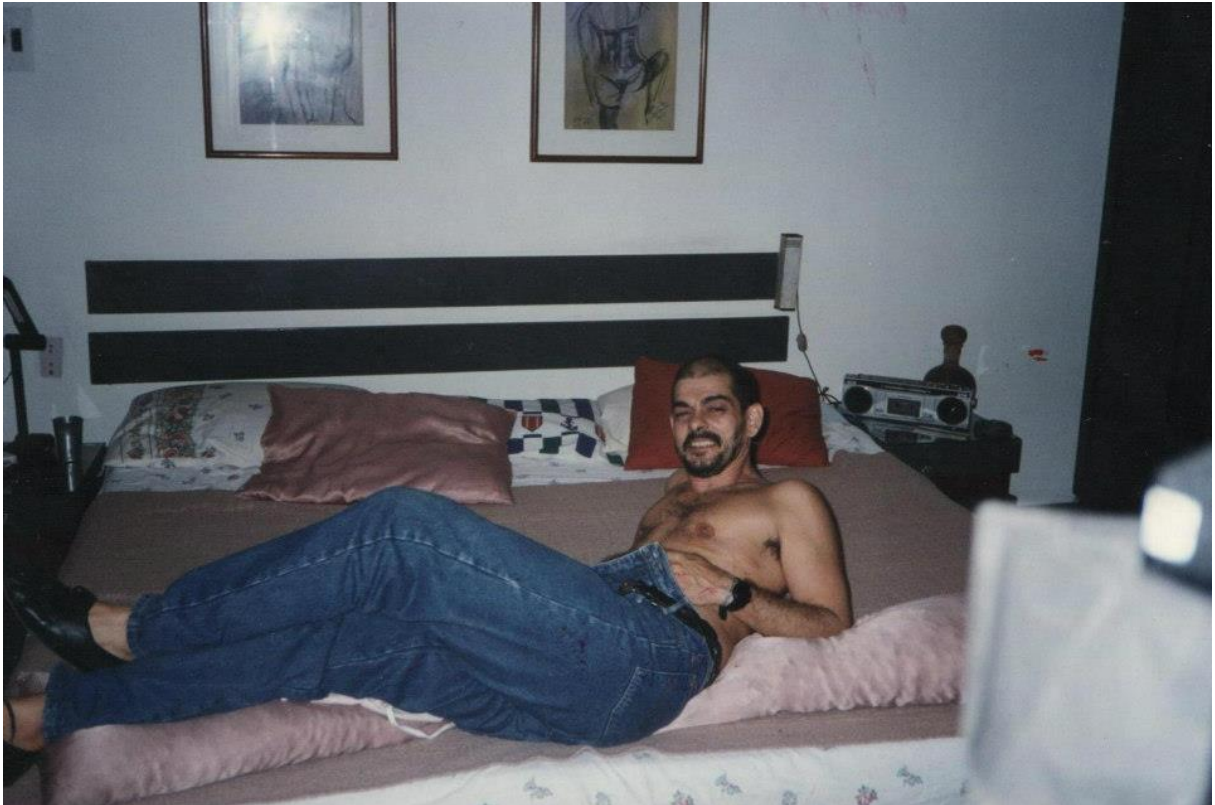


Ilustração 10 – João em 1996.

Após a cirurgia, João percebe a necessidade social de portar um pênis postiço. No primeiro momento João fez das meias uma prótese, obtendo um formato que se aproximasse do pênis, colocando-as dentro da cueca, temporariamente estava resolvido seu problema:

“Passei a me sentar de pernas abertas, provocando posições em que pudesse evidenciar a existência dos meus genitais, numa típica atitude de autoafirmação, e por que não, de puro exibicionismo.” (NERY, p. 201, 2011)

Peças de roupas e tecidos manuseados exercem neste caso, a função de um membro corporal. Função estética e não sexual. Apenas para dar coerência ao conjunto físico-gênero.

“Os deficientes físicos, de maneira geral, podem conseguir cadeiras de rodas, membros mecânicos, mamas de silicone, visando facilitar sua vida social e emocional. E por que não fazer uma prótese penial flácida, impermeável e lavável, sem ser necessariamente para fins eróticos? Não é a própria sociedade que nos cobra coerência entre aspecto físico e o gênero?” (NERY, p. 202, 2011)

A roupa-prótese foi uma ideia que gerou outra, afim de facilitar a coerência da imagem, provocando estudos e desenvolvimentos em outras áreas, neste âmbito, da saúde sugerindo uma prótese no lugar da roupa.

O objetivo alcançado, pós-cirurgia, de João, levou consigo também a roupa que o travestiu no momento de descoberta de gêneros, em alguns momentos vivenciando os dois, masculino e feminino. Ela continua, mas agora no corpo de homem, existindo e caminhando em sua essência, abraçando e moldando o ser. “O espelho tornara-se agora meu aliado, sentindo-me mais forte e íntegro. Não procurava propriamente a beleza, mas a coerência.” (NERY, p. 211, 2011)



Ilustração 11 – Com João em 08-11-2011 em Juiz de Fora/MG no lançamento do livro Viagem Solitária – Acervo pessoal.

7 – LAERTE COUTINHO: A ROUPA COMO SIMBOLISMO

“O ato de vestir, pura e simplesmente, parte de uma ideia que se materializa pelo objeto roupa e tudo o aquilo que se relaciona com a atitude de se ornamentar, desde penteados até as intervenções feitas diretamente sobre o próprio corpo, constituindo um sistema de representação”. (LEITE, p. 29, 2002)

Laerte Coutinho, cartunista famoso, nascido em São Paulo, vem chamando atenção devido a sua prática que consiste em vestir roupas femininas, como forma de contestar o parâmetro de gênero.



Ilustração 12 – Laerte com os filhos, década de 1990.

Ao ser questionado sobre qual categoria de gênero está inserido, Laerte diz:

“Não tenho certeza absoluta, mas também tenho essa impressão. Os homossexuais também acham estranho que um travesti não seja necessariamente homossexual. O crossdressing é uma designação completamente social, uma convenção de um preconceito.” (Disponível em: <http://www.ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/laerte+em+carne+osso+e+minissaia/n1237811802611.html> Acesso em 08/11/2012)

Laerte diz não se enquadrar em alguma categoria de gênero, trata-se de um indivíduo que luta pela construção/desconstrução de gênero. “É, eu não sou completamente heterossexual...” (CAROS AMIGOS, São Paulo: Editora Casa Amarela, ano VII, n. 84, março 2004). Um dos personagens antigos dos seus cartuns que manteve vivo até hoje foi Hugo, que pratica o travestimento transformando-se em Muriel, que vai abordar as questões sociais e de gênero. A roupa é um dos fatores determinantes, pois é através dela que Laerte cria um amplo caminho de discussões, ou seja, a roupa é destaque para simulações que vão contestar e o personagem Muriel será o meio no qual revela essas questões e percepções do cotidiano dentro do contexto de gêneros.



Ilustração 13 – Laerte: antes e depois.

“Tem a ver com “travestividade”, uma coisa que estou vivenciando, e eu mantive meio na marra, eu forcei essa existência – de forma natural eu não faria isso. Forcei por ser uma forma de refletir, como para mim a atividade de me travestir é uma coisa nova e misteriosa, e também cheia de informação que não tenho; eu uso Hugo para fazer essa prospecção.” ((Disponível em: <http://www.ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/laerte+em+carne+osso+e+minissaia/n1237811802611.html> Acesso em 08/11/2012)

O personagem Hugo faz uma sondagem profunda no íntimo de Laerte, onde ele passa a exercer sua travestividade, a roupa como forma de reflexão e protesto contra os paradigmas e definições de gênero.



Ilustração 14 – Laerte e o espelho.

“A ornamentação do corpo com o sentido estético existiu desde a antiguidade como expressão do desejo das pessoas expressar-se através do que se veste, no entanto, com o Cristianismo ocorreu a separação irreconciliável entre o corpo e a alma, havendo então uma negação do corpo em favor da elevação do espírito, mas com a pós modernidade adveio a exteriorização da personalidade e do conteúdo dos sujeitos através da Moda, então o corpo, além de ser fabricado pela cultura dos povos, passa a ser fabricado pela Moda e a ser visto como forma de comunicação não somente da Cultura e sim do que sé, do que gosta.” (Disponível em: <http://www.tracosretratos.blogspot.com.br/2011/01/moda-relacao-corpo-e-identidade.html>> Acesso em 13/11/2012)



Ilustração 15 – Personagem Hugo/Muriel de Laerte Coutinho.

A afirmação do que é e do que gosta independe dos parâmetros e padrões estabelecidos pela sociedade. O indivíduo passa a exercer sua individualidade em prol de uma convenção coletiva. A roupa permite exercer o gênero independente da condição sexual.

“Tenho 61 anos e é agora que estou assumindo essa expressão. Roupas e maquiagem. Isso vem desde que me entendo por gente, mas sempre falou muito forte o lado da regra, da proibição do crime e do pecado. Não só na questão de gênero como também na da orientação sexual. Demorei muito até ficar em paz com a ideia de que também sou gay, que há isso em mim.” (Disponível em: <<http://novo.itaucultural.org.br/materialcontinium/me-trate-com-respeito/> Acesso em 19/11/2012)

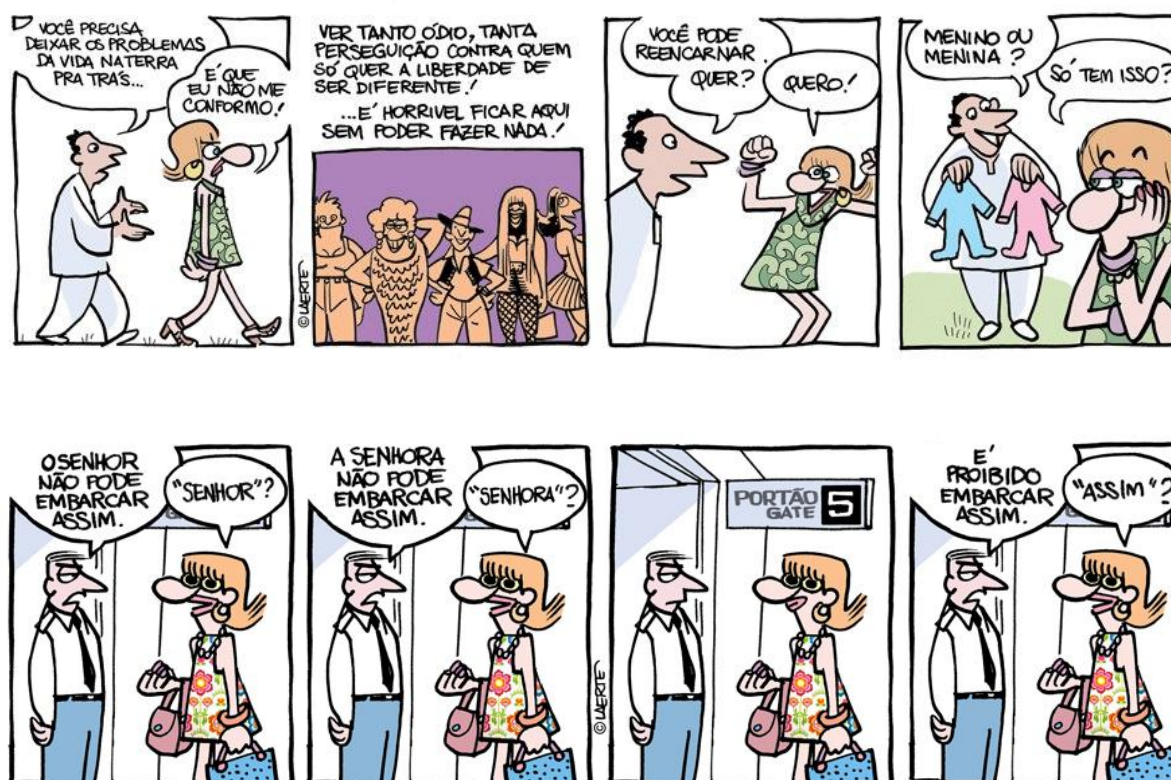


Ilustração 16 – Muriel.

Neste contexto Laerte faz jus a questão da representação e desconstrução de gênero. Pois não se enquadra em Drag Queen, não faz performances. Transexual também não, não há interesse na cirurgia da troca de sexo e não encontra-se insatisfeito com seu sexo genital. Crossdresser é o fetiche de usar roupas femininas pelo sexo oposto e eventualmente. Não é o caso pois Laerte exerce sua travestividade, e não faz questão de mudar a identidade, a roupa cumprindo o seu papel de expressividade e reflexões. “Nomenclaturas não me interessam. A busca por uma nomenclatura é uma tentativa de enquadramento. Sou uma pessoa transgênera e gosto do termo “pós-gênero”.” (Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-era-do-pos-genero-2/> Acesso em 12/01/2013).

“A prática me fez escolher melhor as roupas que visto. Por exemplo, tinha uma prótese de bunda que usava com calças, para ficar com o quadril maior. Não uso mais. Penso meu corpo como ele é e escolho roupas mais adequadas para minha expressão. O modo como a gente se veste é um modo de expressão.” (Disponível em: <<http://novo.itaucultural.org.br/materialcontinuum/me-trate-com-respeito/> Acesso em 19/11/2012)

Os australianos tem em seus passaportes os gêneros “masculino”, “feminino” e “indeterminado”. Existem famílias “sem gênero”. Laerte desmistifica as definições de homem e mulher, heterossexual e homossexual. Pode-se afirmar talvez que seria um bissexual que não usa roupas masculinas, até porque já não as tem mais em seu guarda-roupa, exercendo o papel de travestimento. A roupa é um fator determinante e relevante pois é onde começa a exteriorização daquilo que é em sua essência, uma busca causadora de vastas reflexões, pensamentos, e até mesmo de construção ou desconstrução de gêneros. As roupas são signos de gênero importantes na Cultura, pois sua função é ainda hoje regular as fronteiras entre os sexos, gêneros e grupos sociais. Tanto João como Laerte exercem tal papel, um em sua concretude, enquanto o outro ela é representada de forma simbólica.



Ilustração 17 – João Nery e Laerte Coutinho.

8 – CONCLUSÃO

A Moda manifesta-se em todos os setores da sociedade, seja para consumo impulsivo, para um figurino, para seduzir, para apesar de tudo expressar. E no universo sexo/gênero ela vem contribuir para satisfação individual e coletiva.

A roupa como auxiliadora de desejos que vão satisfazer os objetivos de um indivíduo e da coletividade, criando outros trajetos para a humanidade, demarcando territórios e criando novos rumos para a sociedade. A Moda faz história.

No presente trabalho o trânsito de gêneros e a roupa são focos, tendo auxílio em outros territórios correlatos que são coerentes com o projeto. O embasamento nestes estudos foram cruciais para compreender a roupa em João Nery e Laerte Coutinho.

Os personagens do estudos de caso foram escolhidos pela importante corrente que giram em torno deles na contemporaneidade. São inerentes ao assunto e discussões sobre gênero e foi a escolha para que os estudos fossem afirmados nos dois indivíduos.

João é um transexual e Laerte adepto do travestismo. Este usa a roupa como simbologia e aquele como concretude. João traveste e usa a roupa como simbolismo, porém leva-a além das fronteiras do vestuário, utilizando do ato de vestir um instrumento de satisfação pessoal, como o caso da prótese do pênis. Laerte caminha para uma reflexão de gêneros e também da sexualidade. A roupa nele funciona como simbologia, portanto a sondagem e prospecção que faz do personagem Hugo de sua autoria, revelações do cotidiano que faz pensar e ver a roupa como intervenção social capaz de ditar e trazer à tona interações e interfaces com outras áreas do saber.

Pode-se concluir que ambos lutam pelos mesmos valores de gênero e sexo, pela igualdade de direitos em favor de grupos sociais. Portanto a roupa exerce expressividades distintas. Em João foi preciso a modificação do corpo, a troca de sexo para adequação da roupa com seu corpo, em Laerte ela funciona como simbologia, existem intervenções e alterações visíveis no corpo, porém não vem ao

caso trocar suas genitálias para adequar-se ao vestuário. Laerte é adepto do travestismo por fazer parte do seu cotidiano, de aderir o vestuário feminino num corpo masculino.

No entanto entende-se como a roupa transita e se desdobra em formas que vão aderir pensamentos e discussões na sociedade. Mostra-se com relação aos gêneros as inúmeras formas de vestir que possibilitam a criatividade, a liberdade e a tão discutida exteriorização. Só nos resta perguntar: Até quando vamos chamar roupas de masculino e feminino? Até quando vamos utilizar o ato de vestir apenas para adorno e embelezamento? A roupa “fala”, portanto buscamos nela a nossa identidade e o que queremos dizer ao mundo.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Flávio de. **A moda e o novo homem: dialética da moda**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Historia de la sexualidad 2: el uso de los placeres** – 2 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira** – 2 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

HOLZMEISTER, Silvana. **O estranho na moda: a imagem nos anos 1990** – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

LEITE, Adriana. **Figurino: uma experiência na televisão** – São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis** – 1 ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2010.

MESQUITA, Cristiane e CASTILHO, Kathia. **Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores** – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

NERY, João W. **Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois** – São Paulo: Leya, 2011.

RINALDI, Doris e BITTENCOURT, Virgínia Bustamante. **O Transexualismo e a questão da identidade**. Dissertação de Mestrado: O sexo dos anjos – uma leitura psicanalítica do transexualismo masculino – Pós graduação em Psicanálise IP/UERJ, 2003.

SINGER, June. **Androginia: rumo a uma nova teoria da sexualidade**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

SPARGO, Tamsim. **Foucault e a teoria queer**. Tradução: Vladimir Freire – Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

CAROS AMIGOS, São Paulo: Editora Casa Amarela, ano VII, n. 84, março 2004.

ENTREVISTA COM LAERTE Itáu Cultural. Disponível em: <<http://novo.itaucultural.org.br/materialcontinium/me-trate-com-respeito/>> Acesso em 19 de novembro de 2012.

LAERTE EM CARNE E OSSO E MINISSAIA. Disponível em: <http://www.ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/laerte+em+carne+osso+e+minissai+a/n1237811802611.html> Acesso em 08/11/2012.

RELAÇÃO CORPO E IDENTIDADE. Disponível em: <http://www.tracosretratos.blogspot.com.br/2011/01/moda-relacao-corpo-e-identidade.html>> Acesso em 13/11/2012.

A ERA DO PÓS GÊNERO? Disponível em:
<<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-era-do-pos-genero-2/>> Acesso em
12/01/2013.